

O PRETO CAXIAS - O SANTO HOMEM DE BAGÉ



UM EX-SOLDADO DO EXÉRCITO IMPERIAL)



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista ,Presidente da Federação de Academias de Historia Militar Terrestre do Brasil e da Academia Canguçuense de História e Presidente Emérito Fundador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul

Faleceu na Santa Casa de Caridade de Bagé, na gelada madrugada de 01 Jul de 1888, o homem negro Maximiano Domingos do Espírito Santo, e cercado pela dor e pesar dos bajeenses e já imortalizado na memória local, por sua excepcional conduta, como o

Preto Caxias, com foto a óleo na Igreja São Sebastião, santo de sua devoção, como carioca de nascimento, e sepultado em mausoléu especial mandado erigir pela Santa Casa com o seguinte epitáfio:

"Humanitário Preto Caxias - passou pela vida servindo e chorando as desgraças alheias".

Hoje, para muitos bajeenses é considerado um santo, o santo de Bagé, a quem muitos recorrem a esperam que interceda junto a sua devoção em vida, o santo guerreiro São Sebastião, padroeiro de Bagé, para alcançar-se uma graça.

Passou a ser chamado Preto Caxias, como uma homenagem às virtudes do Barão de Caxias, sob cujas ordens ele combateu a Revolução Farroupilha, e por ser além disso, segundo, Eurico Jacinto Sales na **História de Bagé, "Um bom policial, com autoridade forte, conciliadora e justa, sem haver jamais abusado do poder, em sua função policial."**

E Caxias impressionara sobremodo o Preto Caxias, frequentador da Igreja São Sebastião, onde mostrava com orgulho a faixa de Marechal de Campo que o Barão doara à Igreja, após a missa que ali mandou celebrar depois da Paz de Ponche Verde, pela alma dos que tombaram na Revolução Farroupilha. Antes, Caxias mandara seu 8º Batalhão de Fuzileiros guarnecer a abandonada Bagé, de Nov1844 a 05 Set1845, por cerca de 10 meses. E assim ele entendeu, que Caxias passou a ter uma ligação especial com Bagé. E tinha consciência de que fora o Pacificador que a colocara no caminho do progresso, interrompido pela Revolução, para, a seguir, como Presidente da Província do Rio Grande do Sul, decretar a elevação de Bagé à vila e à município, e à freguesia em 1846. E para, a seguir, tendo como seu cabo eleitoral o Ten Cel Osório, que para Bagé fora destacado em 1846, com o seu heróico 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, obter no local expressiva votação para ser senador vitalício pelo Rio Grande do Sul, o que se verificou por cerca de 30 anos.

O Preto Caxias assistiu Caxias passar por Bagé em 1851, a caminho de Santana, para comandar a Guerra contra Oribe e Rosas e levar consigo para a ativa, o injustiçado e heróico Capitão Luiz Emilio Mallet, que há 20 anos ali se dedicava a atividades pecuárias e a produzir telhas e tijolos no Quebracho, para construir o casario de Bagé. E finalmente assistiu o então Marquês de Caxias pernoitar em Bagé em outubro de 1865, como integrante da comitiva de D. Pedro II, que retornava de Uruguaiana, onde presidira a rendição do invasor.

E, com orgulho, lembrava o pioneirismo de Caxias ao conceder liberdade aos lanceiros farrapos e os incorporar como livres à Cavalaria Ligeira do Rio Grande do Sul, inclusive no 2º RC, que ao comando de Osório, aquartelou em Bagé depois da Revolução e ajudou a reerguê-la, depois de morta pela mesma revolução.

E de tanta veneração a Caxias e correção no exercício de função policial, e passar aos visitantes da Igreja a biografia do Pacificador, passou a ser conhecido como Preto Caxias. E tanta foi a sua dedicação ao exercício da caridade cristã que em reconhecimento, recebeu em vida a entronização de seu retrato a óleo no consistório da Igreja São Sebastião em 1877.

Excepcional homenagem prestada em vida, aos 67 anos, a um negro, ex-soldado do Exército Imperial, homem do povo, pobre, humilde, com uma vida plena de altruísmo e benfeitoria à humanidade.

Ao morrer o Preto Caxias, o jornalista Jorge Reis, em seu elogio fúnebre, ressaltou à certa altura, em artigo na imprensa:

"Raro encontrar-se nestes tempos de egoísmo, misérias, vaidade e ostentação, um homem com caráter como o do preto Caxias, que abrigue tantas e tão raras qualidades".

Seu singelo túmulo possui duas mãos entrelaçadas, uma branca e outra preta, apertando-se fraternalmente, com o seguinte símbolo, segundo ainda o citado historiador Eurico Jacinto Sales em sua **História de Bagé**:

"A caridade e as boas ações não constituem privilégio de raças ou cores, ou de quem possui bens naturais. Praticam-na as almas piedosas que possuem a exata noção da necessidade dos seus semelhantes!"

Mas quem foi o Preto Caxias? Ele nasceu escravo no Rio de Janeiro, por volta de 1810 e foi batizado com o nome de Maximiano Domingos do Espírito Santo.

Por volta de 1831, em decorrência das lutas fratricidas que ameaçavam transformar o Brasil numa colcha de retalhos, ele ingressou no Exército e em consequência passou a ser livre, pois o Exército não podia ter escravos como soldados.

E por cerca de 15 anos serviu ao Exército, inclusive de 1843 a Nov 1845, integrou a Ala esquerda do Exército de Caxias, baseada em Canguçu, ao comando do Ten Cel Chico Pedro de Abreu, o Moringue, e também como integrante do 8^o Batalhão de Fuzileiros, ao comando do Cel Graduado Francisco Félix da Fonseca Pereira Pinto.

E foi integrando este Batalhão que o soldado Maximiano Domingos do Espírito Santo chegou a Bagé, em Nov1844, aos 34 anos, tendo seu comandante atribuições, por cerca de 10 meses, das funções de comandante militar e administrador civil da castrense Bagé, que seria elevada à vila 9 meses mais tarde por Caxias.

Ali, com seus companheiros do 8^o Batalhão, que Caxias mandara guarnecer a abandonada Bagé, de Nov1844 a Set1945, começaram, juntos, a lhe dar formato. Em 1847 obteve baixa do Exército e passou a residir em Bagé.

Inicialmente foi policial, função que exerceu de modo exemplar, com grande espírito de justiça e equilíbrio, evitando prisões injustas e orientando a vida dos faltosos a trilharem o caminho do bem.

Tornou-se conhecido, confiável e muito respeitado, e sempre pautando o exercício de sua autoridade inspirado nas ações de seu modelo, o então Barão de Caxias. É daí que começou a ser chamado Preto Caxias.

O 8^o Btl Fzo fora organizado em Santa Catarina em 1837. Quando da Proclamação da República, como 1^o BC, desde 1870, aquartelava no Mosteiro de Santo Antônio, no Largo da Carioca e teve destacada atuação neste evento, conforme abordamos em **O Exército na Proclamação da República**. Rio de Janeiro: SENAI,1989. Com a Reforma de 1908, do Marechal Hermes, passou a ser o 1^o RI, do Rio de Janeiro, o atual Batalhão Sampaio (Vila Militar), segundo o Arquivo do Exército em: **Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938. Em 1870, ao final da Guerra do Paraguai e já sexagenário, passou a exercer com extraordinária dedicação e capacidade de trabalho, as funções de zelador, enfermeiro, transportador e consolador dos doentes do Hospital de Caridade então fundado, inclusive

pelo baiano médico militar Albano de Souza, este pai de José Albano de Souza (Zeca Albano), que como médico prático humanitarismo, consagrou sua vida à saúde dos canguçuenses e mereceu de nossa parte crônica "**Meu tipo inesquecível**" e foi imortalizado em nome de rua onde se situa o Hospital de Caridade. E em Bagé muito aprendeu, até os 18 anos, com o Preto Caxias, no Hospital fundado pelo pai.

O Hospital de Caridade, junto com o Preto Caxias, passou em 1883 ao patrimônio da Santa Casa então criada.

E ali morreria, depois de 18 anos de excepcionais serviços dedicados aos sem fortuna. Felizmente não viveu para ver a sua terra adotiva - Bagé, ser atingida pela tragédia que sobre a cidade e município se abateu, na cruel luta fratricida da Guerra Civil de 1893-95, em que a cidade esteve sitiada por 42 dias por federalistas, e no interior do município, em 28 Nov 1893, teve lugar em Rio Negro(Hulha Negra atual), o cruel massacre da Cavalaria Civil republicana a serviço dos governos Estadual e Federal, por mercenários platinos a serviço de federalistas,.

Tomamos conhecimento do Preto Caxias através de Tarcísio Taborda, que nos forneceu dados para constar em nosso livro **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul** (Porto Alegre: IEL, 1975). Trabalho premiado em 1º lugar em Concurso Nacional no Biênio da Imigração e Colonização do RGS.Mas a publicação premiada foi publicada pela metade e deixada de lado a parte referente a presença do negro na literatura gaúcha e com ela o Preto Caxias que agora trago a lume na História da 3ª Bda CMec

Nota matéria extraída de nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada –Brigada Patricio Corrêa da Câmara.p.276/279,disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br .